

ENTREVISTANDO JURANDIR MALERBA:

A pessoa, o professor e a sua reflexão teórica sobre a história



Jurandir Malerba

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/8396001861092302>

Danielle Almeida Lopes

Graduada pela Universidade Estadual do Ceará em Licenciatura em História, atualmente é bolsista PROVIC/UECE atuando na seguinte linha de pesquisa: "CAPITALISMO E CIVILIZAÇÃO NAS CIDADES DO ESTADO DO CEARÁ (1860 - 1930)" - Práticas letradas e urbanidade vinculado ao Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS\ UECE).

**ENTREVISTANDO JURANDIR MALERBA:
A pessoa, o professor e a sua reflexão teórica sobre a história**

**INTERVIEWING JURANDIR MALERBA:
The person, teacher and its theoretical reflection on history**

Entrevistadora: Danielle de Almeida Lopes

Em março de 2013, o historiador e professor de história da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Jurandir Malerba, esteve em Fortaleza (CE) para participar do encontro “Capitalismo e civilização nas cidades do Ceará (1860-1930) - Paineis Sobral” realizado pelo Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas (GPPUR) em parceria com o Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE). Jurandir Malerba concluiu o doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo em 1997, ocupou Visiting Positions nas University of Oxford (Inglaterra), Georgetown University (Washington, DC) e Freie Universität (Berlim).

Danielle Almeida Lopes - *Boa tarde professor! obrigada pela oportunidade da entrevista. Gostaríamos de guiar esta com um pouco da trajetória de vida do senhor, suas pesquisas, seus caminhos percorridos dentro da academia até chegar ao ponto que podemos observar durante esta semana de Painéis Sobral, momento em que ouvimos muito acerca da sua experiência referente à História Global e Regional.*

Jurandir Malerba - Muito bem, o problema neste tipo de conversa é que você começa a ver que a história começa tão lá atrás, tem tanta coisa pra falar que não ia caber neste gravadorzinho ai (risos). Eu me graduei em História na Universidade Federal de Ouro Preto, em Minas Gerais, onde fiz somente o bacharelado (não fiz licenciatura), durante os anos de 1980 (me formei em 1988). Aí, fui ao Rio de Janeiro, estudei na Universidade Federal Fluminense. Fiz mestrado lá e durante quatro anos morei no Rio; começou ali uma bifurcação na minha formação que é marcada por essas coisas que correm paralelas: uma reflexão teórica

pesada que começou na graduação com professores como José Carlos Reis e Carlos Fico. A minha monografia de graduação foi um ensaio teórico de como usar fotografia como fonte Histórica. Olha a pretensão e a ingenuidade... ainda graduando e eu queria fazer discussão teórica.

D.A.L. - *Como o seu percurso no Rio de Janeiro marcou seus estudos sobre Teoria da História? Isso atravessou o seu doutorado de que forma?*

J.M. - No Rio, eu comecei a estudar, por força de várias disciplinas que eu fiz, eu comecei a estudar o século XIX e teoria. Teoria eu estudei com o Ciro, tinha uma verdadeira fascinação, eu era muito fã dele. O Ciro era um tipo oráculo. Eu fiz graduação lá no interior, em Ouro Preto; depois, quando eu fui pro Rio, passei a fazer uma disciplina com ele, e isso foi muito importante na minha formação, assim como com vários outros professores. E aí essas duas coisas, essa bifurcação. Século XIX e teoria e Metodologia. Na UFF, eu fiz uma dissertação de mestrado (que depois publiquei em livro) sobre o pensamento jurídico no Brasil no Século XIX: o Código Criminal de 1830 e os comentadores, os caras que glosaram esse código ao longo de século XIX. A dissertação virou um livro que se chama *Os brancos da lei*, que saiu depois pela editora da Universidade Estadual de Maringá, onde eu fui trabalhar. E o século XIX me leva também ao doutorado. Eu fui fazer doutorado na USP, ainda não tinha nem defendido o mestrado, estava naquelas crises, época de Sarney, inflação. Eu queria largar tudo aquilo, ter estabilidade; aí um colega me levou para a USP, onde fui estudar com Maria Odila da Silva Dias. Entrei com outro projeto, mas depois fui estudar a corte Portuguesa no Rio de Janeiro. Foi decisiva uma disciplina que eu fiz com Paulo Sergio Pinheiro, com quem fiz uma disciplina sobre violência. Foi quando eu tive contato com a obra do Norbert Elias; aquilo mexeu um pouco com a minha cabeça, fiz um outro projeto, fui estudar o encontro das configurações da sociedade de corte portuguesa tradicional com os comerciantes do Rio de Janeiro, que virou minha tese, “A corte no exílio: civilização e poder no Brasil as vésperas da independência (1808-1821).”

D.A. L. - *E a sua carreira acadêmica enquanto professor, como se iniciou?*

J.M. - Aí aquela coisa: é preciso trabalhar. Quando eu estava terminando os créditos do mestrado, eu fazia disciplina com um colega da UEM, onde teve um concurso; foi o primeiro concurso que eu fiz, Universidade Estadual de Maringá, pra uma vaga de teoria, não tinha defendido o doutorado ainda, então era uma vaga pra assistente e eu fui dar aula de teoria. Lá, dei tudo quanto é tipo de disciplina teórica, introdução aos estudos históricos, teoria etc.

D.A.L. - *E suas contribuições para a Universidade Estadual de Maringá?*

J.M. – Lá, entre as coisas legais que eu fiz, está a criação da revista *Diálogos*, que é uma revista que existe até hoje; eu peguei a coordenação dela no segundo número, indexamos internacionalmente e tal – um modelo muito interessante o dessa revista; lá também a gente implantou um mestrado, primeiro mestrado consorciado do país, entre as Universidades Estaduais de Maringá e Londrina. Mas o programa entrou em crise e eu acabei indo para a Universidade Federal da Paraíba, onde fiquei um ano.

D.A.L. - *E sobre sua experiência no exterior, como exemplo sua estadia em Oxford como foi? Existiram outras?*

J.M. - Durante este ano eu recebi uma bolsa, ganhei um edital da Universidade de Oxford da Inglaterra com o CNPQ, e eu recebi essa bolsa e fui para a Inglaterra e fiquei como pesquisador visitante por 6 meses. Lá eu organizei um encontro sobre independência do Brasil e depois a gente reuniu material e fez um livrinho chamado de *Independência brasileira: Novas dimensões*, ele saiu pela fundação Getúlio Vargas. Foi um período muito interessante, de muito cosmopolitismo, de muita gente transitando, de muito aprendizado. De lá, eu fui como professor visitante para Georgetown University, Washington DC, onde lecionei. E aí aqueles imperativos da vida, minha mulher ficou grávida, quis voltar para o Brasil.

D.A.L. - *Nossa! Mas o seu retorno deve ter sido realizado de maneira positiva, mesmo com essa grande novidade familiar. Como foi?*

J.M. – Assim que voltamos (2004), fiz um concurso na UNESP de Franca. Fiquei lá na UNESP quatro anos e meio, quase cinco anos. Publiquei muita coisa nesse período, publiquei *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*, junto com o Carlos Aguirre Rojas; publiquei aquele livro sobre a Independência que saiu pela depois fundação Getúlio Vargas, mas eu não estava muito satisfeito profissionalmente naquele interior de São Paulo, por causa de meu regime de trabalho (em tempo parcial). Em 2008 teve um congresso na Unisinos, em São Leopoldo, sobre o bicentenário da vinda da corte no Brasil, teve vários eventos, escrevi muita coisa para o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

D.A.L. - *Sua trajetória é realmente riquíssima, professor. Mas e com relação a PUC como foi o ingresso na instituição?*

J.M. – Então, teve esse congresso lá no Sul e nele tomei notícia de uma chamada, de um edital da PUCRS que me interessou. Me dediquei para aquela seleção, passei e estou lá até hoje. Estou fazendo bastante coisa desde que eu cheguei na PUC. Publiquei coisas na área de teoria, um trabalho sobre historiografia na América Latina que saiu pela FGV; uma primeira versão desse livrinho saiu primeiro como um capítulo da *Historia General de América Latina*, da UNESCO, no ultimo volume; aí o expandi e foi feito um livrozinho, que depois saiu na Argentina (pela Prohistoria Ediciones, de Rosario) e depois foi traduzido para o russo também (pela Kanon Plus, de Moscou). Na PUCRS, fiz também o projeto do *Lições de História*, que continua com um pé na teoria o tempo inteiro, traduzindo autores clássicos, textos emblemáticos da formação da história científica do século XIX –foi um trabalho muito legal de fazer. Estamos fazendo o segundo agora que vai sair sobre a crítica da razão metódica, deve sair esse ano.¹

D.A.L. - *Atualmente, quais são os seus projetos atuais e futuros?*

J.M. - Tem um monte de coisa, muito trabalho na graduação, na pós-graduação com história do Brasil. Estou com um projeto agora, organizando um livro sobre as festas chilenas, que foram as festas pomposas que houve na passagem da monarquia para república

¹ *Lições de História. Da história científica à crítica da razão metódica* (Porto Alegre/Rio de Janeiro: PUCRS/Editora FGV) foi lançado em Outubro de 2013 na Feira do Livro de Porto Alegre.

na cidade do Rio de Janeiro. O ano passado, estando na PUCRS, eu fui convidado pela Universidade Livre de Berlin, para inaugurar uma cátedra, chamada **Cátedra Sergio Buarque de Holanda de Estudos Brasileiros**. É um projeto de 5 anos. A cada ano tem um profissional de uma área diferente e, por acaso, se inaugurou comigo e agora parece que tem um professor da UNICAMP, dos Estudos Literários, depois vai ter um sociólogo, um antropólogo e assim sucessivamente. É uma coisa importante, de visibilidade boa, por que os estudos brasileiros estão em alta, o Brasil é a bola da vez no exterior. Foi um período de muita produção e reflexão, e de muita boêmia. De tudo que vale a pena na vida.

D.A.L. - *E sobre o Projeto Casadinho com o Mestrado Acadêmico de História da Universidade Estadual do Ceará, o que o senhor tem a dizer?*

J.M. - É uma coisa importante que logo antes dessa ida minha para a Alemanha é que a gente aprovou, aqui com os colegas da Estadual do Ceará, o Projeto Casadinho, o projeto “casadinho” junto à CAPES, sobre “Capitalismo e Civilização nas cidades do Ceará”, que são contempladas pela Universidade. A gente trabalhou conjuntamente na elaboração desse projeto, que é um projeto de fôlego, que prevê mobilidade de alunos e professores. A gente está em um pique muito legal agora, visando uma publicação, estamos preparando um livro, projetando fazer oficinas e, pela empolgação que eu senti essa semana aqui no Painel Sobral, vi o comprometimento dos alunos da graduação, do mestrado e dos professores. Esse grupo vai dar passos muito sólidos e determinados para um avanço de qualidade muito interessante. Foi uma semana muito produtiva, me senti em casa. Estamos projetando no horizonte aonde a gente vai atacar agora, quais temáticas em termos de reflexão teóricas. A gente discutiu bastante o conceito de civilização, um pouquinho só de capitalismo, acho que poderia ser debatido mais. A questão da modernidade é um tema que a gente tem que trabalhar também, aquela questão de Histórias Cruzadas, também pode ajudar bastante no estudo desse encontro da sociedade tradicional aqui no Ceará no final do Século XIX que tem contado com essa questão do capitalismo universal e como isso afeta o modo de vida das pessoas daqui. Esse é um objeto muito sedutor tematicamente, tem um conjunto de fontes muito interessante. Está bom acompanhar esse conjunto todo. É isso.

D.A.L. - Muito obrigada por nos brindar com essa fala acerca de sua trajetória, esperamos que esta entrevista inspire outros estudantes, obrigada pelo espaço e pela gentileza.

J.M. - Eu é que agradeço aos colegas.

Entrevista recebida em novembro de 2013. Aprovada em dezembro de 2013.